



NARRATIVAS AUTORAIS: PÁGINAS IMPRESSAS EM UM CAMINHO PARA A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE

NARRATIVAS AUTORALES: PÁGINAS IMPRESAS EN UN CAMINO PARA LA EDUCACIÓN COMO PRÁCTICA DE LIBERTAD

Yandra de Oliveira Firmo 1
Gilson Moraes da Costa 2

Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação 1
da Universidade Federal de Mato Grosso na Linha de Pesquisa: -
Movimentos Sociais, Política e Educação Popular. Arte Educadora.
Mestre e Especialista em Educação pela Universidade Federal de Mato
Grosso. Desenvolve suas atividades na área de Educação, Educação
e Cidadania, Educação e Sociedade, Relações Raciais, Arte-Educação
e Artes Cênicas, com interesse na arte como processo democrático
e humanista. Professora Efetiva da Rede Estadual de Ensino de Mato
Grosso. E-mail: yandrafirmo@gmail.com

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos de 2
Cultura Contemporânea (UFMT); Mestre em Estudos de Linguagem
-área concentração: Estudos Literários e Culturais (UFMT-2007),
graduado em Comunicação Social - Rádio e Televisão (UFMT-2002).
É Professor Assistente no curso de Comunicação Social, habilitação
em Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso - campus
Universitário do Araguaia. Tem experiência como docente do Ensino
Superior, Diretor de Produção Audiovisual para TV aberta, e também
na área de Artes-visuais, Tecnologia da Comunicação, Programa de
Televisão, com ênfase em Edição e Produção, atuando principalmente
no seguinte tema: jornalista cinematográfico, documentarista,
videodifusão, radiodifusão, movimentos sociais e povos indígenas.
E-mail: gilcostta@gmail.com

Resumo: Neste trabalho objetivamos compreender como as narrativas autorais, por meio do sociodrama, podem contribuir na práxis pedagógica, favorecendo a fruição do encontro, criatividade, consciência crítica e aprendizagem, tendo como protagonistas, alunos da educação básica. Realizamos esta investigação, por meio do entendimento da educação como prática de liberdade de Paulo Freire e o método do sociodrama criado por Jacob L. Moreno. Indagamos de que maneira pode se considerar o sociodrama e suas narrativas, uma metodologia para pesquisa em Educação. Uma ação pedagógica democrática de caráter autônomo e libertador contra opressores e mecanismos de opressão. Ancora-se, nos fundamentos pautados pelo ideário de uma educação para a conscientização crítica e democrática. Podendo vir a ser um dispositivo para a provocação do jovem como protagonista na construção de conhecimento e reconhecimento de si e do mundo a partir de suas próprias histórias.

Palavras-chave: Narrativas autorais; Educação como prática de liberdade; Sociodrama.

Resumen: En este trabajo pretendemos comprender cómo las narrativas autorales, por medio del sociodrama, pueden contribuir en la praxis pedagógica, favoreciendo la frucción del encuentro, creatividad, conciencia crítica y aprendizaje, teniendo como protagonistas, alumnos de la educación básica. Realizamos esta investigación, a través del entendimiento de la educación como práctica de libertad de Paulo Freire y el método del sociodrama creado por Jacob L. Moreno. Indagamos de qué manera puede considerarse el sociodrama y sus narrativas, una metodología para investigación en Educación. Una acción pedagógica democrática de carácter autónomo y libertador contra opresores y mecanismos de opresión. Se ancla, en los fundamentos pautados por el ideario de una educación para la conscientización crítica y democrática. Puede ser un dispositivo para la provocación del joven como protagonista en la construcción de conocimiento y reconocimiento de sí y del mundo a partir de sus propias historias. **Palabras clave:** Narrativa autorales; Educación como práctica de libertad; Sociodrama.

Introdução

*“Quero sonhar e ter um pé no chão
Quero o futuro no presente da educação
Quero a escola cidadã e planetária
Que é libertadora e que nunca é bancária”.*

(Paulo Roberto Padilha)

A educação é essencial para fruição social, partilhamos não só dos ambientes em comum, mas de um universo imaterial, sensível, que são nossas percepções, imagens e sensações do mundo que nos cerca.

Grandes transformações e profundas contradições vêm marcando acentuadamente a sociedade, a educação passa a ser um decodificador dessas manifestações. Neste contexto, vários indicadores têm revelado que esta vive um processo intenso e rápido de mudanças, o qual pode não ser nada apaziguador, e sim, por vezes, torna-se tortuoso e violento, pensando o termo em distintos aspectos, sobre os diversos ângulos dos conflitos, dramas e violência escolar. Desse modo, temas como, a vulnerabilidade da condição humana e a opressão sofrida pelas minorias políticas se tornam necessários estar na arena de debates, desdobrando-se em propostas pedagogicamente engajadas, que apostam no potencial transformador da aprendizagem.

Pensar uma prática pedagógica humanista é vislumbrar um protagonismo e reconhecimento das narrativas sensíveis de nossos jovens na escola, sendo estas valorizadas e estimuladas a serem expressas em distintas linguagens, podem intervir no processo de aprendizagem e autonomia juvenil, promovendo espaços para o afeto e o acolhimento.

Podemos dizer que a narrativa sempre foi um tema privilegiado para a vida sensível, muitas culturas percebem-na como: um objeto próprio do sensível e do viver pois é a partir de sua percepção que se vive cotidianamente uma experiência estética pessoal, social e política.

Neste trabalho iremos trazer o olhar para as narrativas sensíveis e fulgentes de jovens alunos a partir do método do sociodrama, em que propomos a intencionalidade, a ação e a expressão do narrar a partir de suas próprias histórias.

O artigo é recorte de pesquisa ainda em andamento realizada em escola pública com alunos do ensino médio, na cidade de Barra do Garças no estado de Mato Grosso.

Traçaremos um diálogo entre autores que presaram pelas narrativas autorais, que em seus métodos reconheceram e enalteciam o conhecimento, como algo que só pode ser construído a partir da própria experiência, trazemos aqui o sociodrama criado por Jacob Levy Moreno e o legado de Paulo Freire, com ênfase na ação pedagógica da pedagogia do oprimido e da educação como prática de liberdade.

Buscaremos compreender a concepção de educação freiriana, que percebe o homem como um ser autônomo, crítico reflexivo e livre, com o propósito de desenvolver uma ação cultural para a promoção de mulheres e homens.

Freire propôs um processo cuja matriz é o diálogo respeitoso do saber, se distanciando das colonizações culturais, da opressão, aclamando a fraternidade e a liberdade, pautando-se na colaboração, união e síntese cultural¹, assim como o sociodrama, que tem em suas características a emancipação crítica, o reconhecimento do eu e o entendimento do mundo. Em Freire esta autonomia está presente na definição de vocação ontológica de *ser mais* que está associada com a capacidade de transformar e restaurar a si e o mundo. Para Freire:

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá, dois momentos distintos: O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão

1. Paulo Freire propõe: “Na síntese cultural, onde não há expectadores, a realidade a ser transformada para a libertação é a incidência da ação (...). Isto implica em que a síntese cultural é a modalidade de ação com que se fará frente à força da própria cultura, enquanto mantenedora das estruturas (...). Este modo de ação cultural se apresenta como instrumento de superação da própria cultura alienada e alienante”. (FREIRE, 2013, p. 86, 87).

comprometendo-se na práxis, com a sua transformação. O segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia em processo permanente de libertação (FREIRE, 1987, p.21).

Este momento se volta para a apresentação do que vem a ser o método sociodramático e seus fundamentos, dirigimos o olhar à apresentação do sociodrama e das narrativas autorais. Buscamos compreender por meio das palavras de Jacob Levi Moreno, seu criador, a origem, um breve contexto histórico, as fundamentações teórica e prática. Ressaltamos, no entanto, que estas abordagens partem de nossas observações para este artigo, e não uma análise sobre o sociodrama em sua totalidade.

Sociodrama e Educação: Uma possibilidade de novas cortinas se abrirem

*“Encontro de dois.
Olho no olho. Face a face.
E quando estiveres perto
eu arrancarei os seus olhos
e os colocarei no lugar dos meus.
E tu arrancarás meus olhos
e os colocarás no lugar dos teus.
Então, eu te olharei com teus olhos
e tu me olharas com os meus”.*

(Jacob Levy Moreno)

É importante que comecemos pelo preâmbulo desta jornada, pela biografia de Moreno, conforme relata René F. Marineau (1997). Jacobo Levy Moreno foi o criador do psicodrama e do sociodrama, um exemplo de criatividade e dedicação à investigação psicológica e social. Romeno, nasceu em 1892 e faleceu nos EUA, em 1974. Foi um homem de amplos conhecimentos e de fortes ideias religiosas e filosóficas, amante do teatro e das narrativas autorais, incansável investigador de mulheres, homens e seus vínculos, legou-nos uma vasta obra escrita e o movimento psicodramático e sociodramático apreendido em várias partes do mundo.

Para o surgimento da teoria de Moreno sobre o sociodrama, foi necessário que ele vencesse as críticas, pois atacou os valores psicológicos e pedagógicos oficiais vigentes em sua época, conseguindo, porém, desenvolver uma teoria baseada numa concepção do indivíduo e da educação, cujo ponto essencial está na espontaneidade, uma segurança íntima sobre os papéis que o *Eu do Ser* vai formando ao longo de sua historicidade.

A busca pelo reencontro dos valores éticos, culturais e sociais, por meio do espontâneo, tratada a trama através das narrativas autorais a partir dos acontecimentos históricos pessoais e coletivos, no qual cada um reconta e representava seu papel real ou problemas de ordem social de expressão catártica, viria a se constituir o método sociodramático de abordagem dos conflitos interpessoais e coletivos, cujo âmbito natural é o grupo por meio das narrações coletivas.

O primeiro contato com a experiência grupal de Moreno foi com crianças, quando, sentado em praças e parques públicos da cidade de Viena, contava histórias a elas e depois as colocava para narrar e representar, interferindo nas situações de conflito. Nos tempos seguintes, teve oportunidade de trabalhar com prostitutas que habitualmente eram agredidas por seus clientes e policiais. Tal laboro era feito em um grupo de apoio em que despendia atenção psicológica e social às meretrizes.

O sociodrama surgiu com os problemas psicológicos e sociais legados pela primeira Guerra Mundial, quando Moreno á exercia a profissão de médico e diretor teatral e buscava encontrar ações que coletivamente pudessem interferir nas transformações e mudanças ocorridas devido às catástrofes da Guerra que foram internalizadas e socializadas e feriam tanto as crianças, como os

jovens e adultos, chegando o autor a dizer que “só sobreviverá o homem espontâneo e criativo”. Moreno clamava que seu desejo era criar um palco social para expurgar as dores dos pequenos grupos.

Já em 1922, Moreno estabeleceu o Teatro da Espontaneidade², lançou-se a encenar improvisações dos conflitos cotidianos. Sem uma dramaturgia pré-definida, eram os atores/dramaturgos que narravam seus conflitos e, naquele momento, criavam as cenas, porém ainda com atores profissionais, até que descobre que as encenações contextualizadas no cotidiano traziam uma função pedagógica e terapêutica tanto para os atores como para a plateia. E, assim, Moreno se empenhou com diligência em primor da técnica, trazia jornais ao palco para que as notícias sejam encenadas e discutidas, o grupo começava a direcionar os temas a serem abordados e problemas da comunidade eram trazidos para as encenações. Por meio dessa técnica, Moreno descobriu o “Jornal Vivo” [a encenação dos noticiários de jornal], a importância da experiência da troca de papéis, a catarse e o poder de uma manifestação grupal quando feita por meio da compreensão dos sujeitos envolvidos. Por fim, o autor triunfava em sua teoria, o grupo de atores profissionais sai de cena, entram os sujeitos da comunidade e se extingue a divisão plateia e atores.

Em 1924, foi editada a obra *O Teatro da Espontaneidade*. Neste livro, Moreno definiu conceitos psicodramáticos, tais como o de espontaneidade e criatividade, a catarse, o entendimento de papel, concepção de grupo, o protagonista, a troca de papéis entre outros, sendo que esses são os pontos que nos guiam em todo o processo de pesquisa e que são narrados e descritos ao longo deste trabalho.

Em 1925, Moreno partiu para os Estados Unidos onde desenvolveu com grande intensidade seu trabalho nas inter-relações pessoais, no laboro com prisioneiros e delinquentes. Em 1934, lançou sua obra *Quem sobreviverá?* Assim criou o que intitula de Sociometria.

Pensamos ser pertinente neste trabalho esta breve exposição da vida e obra de Moreno, para compreendermos que o pensar e agir do autor, aqui proposto para dialogar com a proposição freiriana, buscando a dialogicidade entre o sociodrama e a educação como prática de liberdade, esteve sempre voltado para as questões grupais em um trabalho de penhor social, dialógico e restaurador.

Moreno (1974, p.39) destaca os seguintes conceitos que, no seu entender, seriam “a ciência dos fenômenos sociais”. O sociodrama é definido como “um método de ação profunda que lida com relações intergrupais e ideologias coletivas” (MARINEAU, 1989, p.810).

Podemos aqui trazer a práxis transformadora freiriana, assim como Freire, Moreno intentava a conquista de homens e mulheres pela conscientização³. Neste momento caminhamos com Freire:

(...) um ato de conhecimento. Implica um desvelamento da

2. Moreno, quando criou e desenvolveu o Teatro Vienense da Espontaneidade, entre 1921 e 1923, almejava produzir uma revolução no teatro e “oferecer possibilidades ilimitadas para a pesquisa de espontaneidade a nível experimental” (1984, p.19). Ao resgatar a importância da catarse ativa e ética do teatro, foram identificadas quatro propostas de mudanças através do Teatro Vienense da Espontaneidade: “1. Eliminação do dramaturgo e do texto teatral por escrito; 2. Participação da audiência: cada um e todos são atores; 3. Atores e plateia são co-criadores; tudo é improvisado - a peça, a ação, o motivo, o diálogo, o encontro e a resolução de conflitos; 4. No lugar do palco tradicional, desponta o palco-espaco, o espaco aberto da vida, a vida mesma” (1984, p. 9).

3. A conscientização é uma categoria freiriana que evidencia o processo de formação de uma consciência crítica em relação aos fenômenos da realidade objetiva. Nesse sentido, a transformação social passa imprescindivelmente pelo desenvolvimento coletivo de uma consciência crítica sobre o real, e, portanto, pela superação das formas de consciência ingênua. É importante que, nesse processo de conscientização, os sujeitos se reconheçam no mundo e com o mundo, havendo a possibilidade de que, na transformação do mundo, transformem a si mesmos. Num sentido político, o conceito de conscientização da qual fala Freire abrange a consciência de classe, como o processo pelo qual as classes desfavorecidas se identificam enquanto classe e também reconhecem na realidade as relações que as oprimem e as exploram, impedindo-as, conforme termo de Freire, na permanente busca de “ser mais”. É assim que a Educação, sem a qual a transformação não se faz, quando voltada diretamente para uma prática da liberdade inclui, nesse processo, necessariamente o desenvolvimento de uma consciência crítica em relação à realidade que condiciona os seres humanos socialmente. Nesse sentido, a formação de uma consciência crítica coletiva é a condição fundamental para a transformação, ou seja, a base de sustentação para a produção de uma nova organização social onde não se negue aos seres humanos a sua razão de existir: a busca constante do vir-a-ser, ou o ser-mais. (DAMO, VELEDA MOURA y GAUTERIO CRUZ. Conscientização em Paulo Freire: consciência, transformação e liberdade, en Contribuciones a las Ciencias Sociales, enero, 2011).

realidade com o qual vou me aprofundando [...] para desvelar a sua razão de ser [...]. O processo de conscientização implica [...] um ato lógico de conhecimento e não transferência de conhecimento. [...] não se pode basear na crença de que é dentro da consciência que se opera a transformação do mundo, a criação do mundo. É dentro do próprio mundo que, na história, através da práxis que se dá o processo de transformação (FREIRE, 1979, p.114).

No sociodrama esta práxis, e o nosso encontro como seres inacabados se toma por meio da ação da narrativa e seus desdobramentos, e assim, lança-nos em uma descoberta coletiva e amorosa de que juntos nos restauramos e produzimos conhecimentos que nos fortalecem. Nessa perspectiva, entendemos a possibilidade de o sociodrama vir a ser um instrumento de ação para a educação como prática de liberdade. Como nos mostra a narrativa contundente de um aluno integrante do grupo de trabalho:

Falar sobre nós mesmos, ouvir as histórias de meus colegas e ver estas histórias no teatro, me fazem me ver melhor no mundo, eu me vejo no mundo, como se a cena fosse o meu espelho, sozinho eu nunca tinha me visto assim (Depoimento de um participante do encontro).

Refletiremos como o sociodrama pode ser uma ação, um processo pedagógico de pequenas revoluções cotidianas. Pensamos como método para o estudo e compreensão de grupo, de seus integrantes e os vínculos, trazendo ao centro jovens alunos e as teias sociais, uma busca pelo ciclo gnosiológico, tão caro aos caminhos freirianos.

Narrativas fulgentes: um diálogo com o mundo

*“São tudo histórias, menino. A história que está sendo contada,
cada um a transforma em outra, na história que quiser.
Escolha, entre todas elas, aquela que seu coração mais gostar,
E persiga-a até o fim do mundo. Mesmo que ninguém
compreenda, como se fosse um combate
Um bom combate, o melhor de todos, o único que vale a pena.
O resto é perdição”*

(Caio Fernando Abreu)

Os procedimentos sociodramáticos enfatizam a vivência do drama, ou seja, a partir das narrativas a dramatização de cenas criadas pelos participantes ou as interações de papéis sociais relativas ao conflito em questão. Podemos dizer que o efeito transformador pedagógico surge da “catarse de integração”⁴ dos papéis sociais que são representados em ação dramática ou na interação grupal, possibilitando que todos possam ver a cena e busquem uma melhor compreensão, assim, tragam para o grupo a espontaneidade para uma ressignificação e restauração de novas ações, tomadas de decisões frente a tais enfrentamentos por meio da conscientização e consciência de mundo. Trazemos ao texto a narrativa de uma das alunas integrantes deste grupo de trabalho:

Quando eu enviei as minhas fotos nua para o meu namorado eu

4. Entende-se por catarse de integração o fenômeno que possibilita a liberação de papéis cristalizados em impressões inadequadas e a conseqüente facilidade em assumir novas condutas (MENEGAZZO, TOMASINI & ZURETTI, 1995). No espaço para a ação, os papéis sociais tornam-se sociodramáticos, pois os atores vivem uma realidade suplementar propiciadora de um texto único, in status nascendi, criado coletivamente. Na realidade suplementar, as interações são de um sujeito-protagonista e de sujeitos, autores e atores de suas vidas em reconstrução; estes revêem papéis e encontram personagens espontâneos-criativos que expressam os estados coconscientes e coinconscientes. O pesquisador/mediador tem como objetivo fundamental a cocriação que proporciona a possibilidade de uma nova experiência grupal e intergrupal. A encenação dos conflitos sociais e políticos leva as pessoas, aqui nossos jovens alunos, a cocriarem e a viverem a catarse de integração, numa perspectiva de entendimento e de desenvolvimento social

não pensei que ele fosse publicar, depois que já estava na rede eu pensei em me enforçar, todo mundo dizia que eu queria ser estuprada, que eu era uma vagabunda. Minha mãe falou que era melhor eu me matar mesmo, ela ficou com muito ódio de mim. Voltar para a escola foi difícil, mas participar aqui com as meninas [se referindo ao encontro de sociodrama] contar minha história e fazer aqui na dramatização, me faz voltar a ser gente de novo (Depoimento de um participante do encontro).

No sociodrama, tecnicamente, o diretor ou mediador sugere que sigam as etapas propostas por Moreno (1974) para que todos os membros do grupo se mobilizem e participem do encontro. As etapas são: 1) aquecimento: fase de preparação dos participantes para ativamente refletirem e vivenciarem os temas a serem tratados; 2) dramatização: etapa do auge da fruição, da discussão ou da vivência por meio de cenas dramáticas, representadas pelos atores sociais do grupo. Essa etapa visa à compreensão fenomenológica do conflito e as suas tentativas de desembaraço; 3) compartilhar: momento em que os participantes analisam as repercussões do encontro, as descrições compartilhadas de suas imagens e sensações; 4) processamento teórico: momento em que o diretor faz a leitura socionômica e traz alguns apontamentos por meio de uma compreensão social.

Crê-se que a narrativa sensivelmente dramatizada traz uma abertura para o estado de espontaneidade criativa pelo qual o protagonista recria sua história, a ressignifica e/ou a restaura, distanciando-se dos processos estereotipados e rotulados que, muitas vezes, são dominantes nos conflitos do cotidiano escolar. Refletimos sobre o conceito de espontaneidade, segundo o olhar de Alfredo Naffah:

A espontaneidade é função do momento presente, ela expressa a relação de compromisso existente entre o sujeito e o mundo, relação esta que é parte presente pois o sujeito é, antes de tudo, um corpo percipiente e agente, uma presença corpórea que participa das contínuas transformações da sociedade. E, nesse sentido, espontaneidade significa antes de tudo, consciência corporal, não aquele tipo de consciência de um corpo estático ou estético, mas a consciência do corpo em ação, do corpo em situação, do corpo comprometido, responsável, capaz de dar uma nova resposta a uma velha pergunta (NAFFAH, 1979, p.60).

Compreendemos por pedagogia em Freire um movimento que pode e deve ser muito mais do que um processo mecânico de repetições e capacitações, um processo que nasce da observação, da reflexão e da experiência vivida que culmina na ação transformadora⁵.

Pretendemos verificar o sentido que o sociodrama pode apresentar enquanto prática social como função cognitiva e transformação cultural. Portanto, não podemos distanciar a ideia de que estamos falando de uma corporeidade, uma narrativa do corpo, sendo construída e marcada por histórias de vigor jovial, distintas entre si e complexas, assim sendo, nosso olhar caminha por meio de um movimento íntimo para reflexões que sugerem o entendimento do espaço da corporeidade nas experiências de aprendizagem como elemento coletivo, como enuncia o sociodrama e como demarca Freire⁶. Cremos ser necessário o reconhecimento do potencial expressivo corporal na construção de conhecimentos principalmente quando se diz de juventude, devido a tantas

5. "A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres 'vazios' a quem o mundo encha de conteúdo; não pode basear-se numa consciência espacializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens [e mulheres] como corpos conscientes e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo". (FREIRE, 1982, p77).

6. Dicotomia inexistente homens-mundo. Homens simplesmente no mundo e não com o mundo e com os outros. Homens espectadores e não recriadores do mundo. Concebe a sua consciência como algo espacializado neles e não aos homens como "corpos conscientes". A consciência como se fosse alguma seção "dentro" dos homens, mecanicistamente compartimentada, passivamente aberta ao mundo que a irá "enchendo" de realidade. (FREIRE, 1981, p.71)

restaurações que esta fase representa.

Somos provocados a estimar como o corpo quando estimulado a expressar suas narrativas impressas, por meio do sociodrama, intervém no processo de aprendizagem e autonomia de jovens discentes.

Para Freire:

O corpo humano, velho ou moço, gordo ou magro, não importa de que cor, é o corpo consciente, que olha as estrelas, é o corpo que escreve, é o corpo que fala, é o corpo que luta, é o corpo que ama, que odeia, é o corpo que sofre, é o corpo que morre, é o corpo que vive (FREIRE, 1985, p.28).

Na visão moreniana, os recursos inatos a nós, mulheres e homens, são a espontaneidade, a criatividade e a sensibilidade. Desde a infância, o indivíduo traz consigo fatores favoráveis para o desenvolvimento desses recursos que o regem da infância à vida adulta e estarão diretamente refletindo no processo de socialização e inter-relação da vida em sociedade. Entretanto, essas condições, que favorecem a vida e a criação do seu viver, podem ser desestruturadas por ambientes, manifestações e sistemas sociais que levam o indivíduo a se sentir coagido, violentado e oprimido. Em nossos trabalhos, esses constrangimentos, arbitrariedades, condição de violência são observados como materialização e incorporação de ações de opressão, e aqui lançamos nosso olhar para o cotidiano escolar e as fissuras sobrepostas nele.

Sendo assim, resta-nos, como educadores, a possibilidade de tentativa da reestruturação desses fatores vitais para que haja a inter-relação dos indivíduos por meio das relações afetivas e da ação de transformação do meio, usando as narrativas sensíveis dos próprios sujeitos, como nos mostra a fala a seguir:

Professora o meu corpo é assim, eu me acho feia, mas eu descobri que ele fala tantas histórias, fala sobre o que as pessoas pensam sobre cabelo, o que as pessoas pensam por ser negra, o que as pessoas falam de quem é gorda. Eu sou isso, sou tudo isso e eu vendo as meninas encenarem a minha história, eu me vi diferente do que eu me via antes! Eu não gosto nem de sair muito de casa. Aqui na sala eu gosto de ficar lá no fundo, não quero que meu corpo apareça muito. Um dia uma professora falou para eu prender meu cabelo quando eu viesse para a escola, porque meu cabelo atrapalhava, que cabelos como o meu é bom ficar amarrado! Adorei me ver assim, mais cheia de história para contar, como se fosse um filme! Não é legal? (Depoimento de um participante do encontro).

Para Moreno (1975), o homem nasce espontâneo e deixa de sê-lo devido aos fatores adversos do meio social. Estas barreiras para o desenvolvimento de sua espontaneidade localizam-se nos ambientes socioafetivos, por isso, neste trabalho, trazemos a personificação da escola e de seus indivíduos.

Segundo o autor, a proposta de estabelecer equilíbrio, recambiar os indivíduos a suas ações espontâneas para uma vida mais digna de suas emoções é romper com os padrões estereotipados, com valores e formas de participação na vida social que acarretam a automação, estandardização, fazendo-o crer nestes processos repetidores, retinidos como um som monocórdio, que o aniquilam para sua construção de vida social, afetiva e protagônica em sua liberdade.

Para Camila Salles Gonçalves, que empenha seus trabalhos nos estudos psicodramáticos e sociodramáticos, afirma:

A *espontaneidade* é a capacidade de agir de modo “adequado” diante de situações novas, criando uma resposta inédita ou *renovadora* ou, ainda, *transformadora* de situações preestabelecidas(...)a proposta primordial é a adequação e

do ajustamento do homem a si mesmo. Nesse sentido ser espontâneo significa estar presente às situações configurações pelas relações afetivas e sociais, procurando transformar seus aspectos insatisfatórios (1988, p.47) [grifos do autor].

Torna-se importante ter uma atenção ao termo *adequado*, não se trata de sermos disponíveis a um padrão do certo ou errado ou do moldado, mas sim uma resposta criativa para uma situação adversa ou nova, uma resposta que tenha significados de transformações frente a uma inflexibilidade, uma desestabilização.

É sobre o olhar para atitudes de pensamento generalista e estigmatizado, fixo e inalterável, que voltamos os olhos. A espontaneidade, em posição contrária ao que Moreno (1984) intitulou como *Conserva Cultural*, que leva o indivíduo a sempre reproduzir comportamentos pré-estabelecidos pela cultura na qual se insere.

Fortalecendo-nos nesses estudos, cremos ser possível intervir no cotidiano escolar para fazer manar a espontaneidade e criatividade dos alunos, por vezes, adormecidas e silenciadas por mecanismos opressores e, consigam, desse modo, minimizar imagens e sensações doloridas, rompendo com os estigmas de uma cultura de opressão.

Para isto, apostamos no compartilhar de histórias vividas, nas narrativas sensíveis e na sua dramatização, em que se emerge um protagonista e as cenas são construídas e reconstruídas a partir da espontaneidade, criatividade e sensibilidade da platéia e dos atores em cena. O grupo é provocado a se libertar de dramas sociais e da estereotipia vulgar da repressão, como sugere a narrativa a seguir:

Tem muita gente que já nem acredita mais em nós, como se todo mundo aqui nascesse pra ser marginal, não vou ser marginal, eu não quero ser marginal, então é disso que a gente tem que conversar, como a gente fala aqui, contar nossas histórias, conversando e mostrando que mesmo como a gente é, a gente pode ser uma coisa melhor do que esses marginais, eu gosto de estudar, mas às vezes é difícil sair, porque a gente nem sabe se dá para sair (Depoimento de um participante do encontro).

Para Moreno (1975), o protagonista é desafiado a reagir, com correspondência a sua identidade, propondo uma nova situação, ou descaracterizando e rompendo com uma antiga, a fim de provocar uma mobilização para sua vida e a da plateia que o assiste. É uma forma de restauração e conscientização que opera no *aqui* e agora. Na dramatização, a utilização das dimensões da expressão como a atuação do corpo e da palavra são respostas criativas às situações já vividas, mas que necessitam de rupturas. Sobre este olhar, esclarece Moreno:

A vinculação da espontaneidade à criatividade foi um importante avanço podendo ser a mais elevada forma de inteligência de que temos conhecimento, assim como o reconhecimento de que ambas são forças primárias no comportamento humano. Dissociam papéis e interferem na integração dos indivíduos nos vários níveis da existência (1975, p.37).

Em toda a história do teatro, desde as formas mais rudimentares de que se tem notícia, existe um traço comum: a narrativa aponta para conflitos existenciais propondo uma compreensão do existir e de nossas relações com o outro, seja no âmbito psicológico ou social. No sociodrama somos apresentados a complexas relações entre corpo, memória e sociedade. Como sujeitos, somos efeitos dessas relações que estão sempre se deslocando em gestos de resistência. Contar nossas próprias histórias pode nos arrancar do imobilismo. Nessas elaborações, há o papel da plateia que logo traça um sentido de identificação, quando se permite chegar à vivência da experiência profunda de integração com a vida, o que, para Moreno (1975), é só nesse território da narrativa dramatizada que se é possível encontrar um dos princípios da mudança através da cena: a catarse.

O pensamento sociodramático moreniano aponta a catarse como meio de realização

coletiva para ressignificação das histórias dos sujeitos de um meio social. Preferiu, por isso, cunhar um novo termo, a *Catarse da Integração*. Para compreendê-lo, é necessário que se considere que o evento sociodramático se constitui, principalmente, em uma ação dramática de realização coletiva e a catarse acontece tanto para os atores que estão em cena como para a plateia que assiste.

Na visão sociodramática, o protagonista é um camarada, um emissário da comunidade, ele empresta ao coletivo o seu corpo, sua voz, a sua história pessoal, os seus sonhos e sofreres. Para o sociodrama, este personagem principal é, o que seria para o teatro clássico, o herói, o indígete, nos encontros sociodramáticos, é o grupo ou um indivíduo, muitas vezes escolhido por ser capaz de representar os manifestos coletivos a partir das narrativas.

Sendo assim, por meio do protagonista, o grupo se expressa, a narrativa dramática é construída a partir do problema trazido pelo interprete ou pelo qual irá representar. Nesta mesma direção, Moisés Aguiar complementa, “o verdadeiro protagonismo propicia, pois, um primeiro momento de integração: é o grupo que se integra na tarefa de construir a cena; é o herói que supera a sua individualidade para viver nela o coletiva” (1990, p.19).

No teatro espontâneo, a busca de um grupo por temas específicos, a integração pode se tornar mais fácil, pois são narradas histórias vividas por seus integrantes. É possível perceber que as manifestações de opressão e violência quando compartilhadas, rapidamente são identificadas por integrantes do grupo, o que nos permite dizer que vêm a ser a repetição da experiência.

Não se trata aqui de reproduzir com a maior verossimilhança possível a situação vivida, não buscamos uma “realidade cênica”, como buscam os atores profissionais, não estamos em busca do rigor técnico que uma obra artística requer, mas sim o olhar para o demasiadamente humano que possa vir a ressignificar e restaurar momentos vividos dos sujeitos no ambiente escolar.

Creemos no impulso afetivo, na incitação das emoções que manam do processo grupal, interrelacional na expressão da cena, da performance, no aqui e agora. Depositamos nossa confiança no que Moreno intitulou como *Tele*, confiamos na ação tética⁷ e transferencial entre os atores do grupo. A possibilidade de reestruturação intelectual e afetiva das estruturas psíquicas, a potencialização dos papéis sociais e psicodramáticos, o florescer de novas possibilidades de ser e estar com o mundo.

Acreditamos que as emoções e sentimentos que se fazem presente na figura do protagonista possibilitam que venham à tona conteúdos que também estavam longínquos da consciência de outros participantes do grupo.

O entusiasmo, o fascínio, os ânimos, as afeições e as emoções compartilhados promovem com grandeza a voz e a escuta daquilo que caminhava para o silenciamento, o que vinha sendo evitado. Pode vir a ter uma personificação, uma epifania, um sopro, um elã, não só em relação a si mesmo, mas também ao grupo.

O sociodrama como metodologia que se ancora em princípios tais que: a construção de relações democráticas; plena e ativa participação dos sujeitos; valorização e reconhecimento dos direitos individuais, culturais, étnicos, e das minorias em políticas públicas e sociais; tolerância a opiniões divergentes e a deferência de que o indivíduo muda suas atitudes com mais facilidade e consciência quando interage em decisões grupais.

O Eu/Tu seria o propulsor do encontro, da espontaneidade e da ação criativa, da construção de uma vida no processo sociabilizante, revelador de um saber que se cria a cada momento na complexidade e complementariedade da rede sociométrica. “Nunca o Eu poderá encontrar-se através de si mesmo, só poderá encontrar-se através de um outro, do Tu” (FONSECA FILHO, 1980, p.06).

Para entender como o *encontro* se dá, vamos ouvir as palavras de Gonçalves:

O Encontro é um apelo para a sensibilidade do próximo. É um convite para a vivência simultânea e “biempática”. A posição e a convocação para a proximidade, a proposta de uma vivência de troca, o empenho na compreensão mútua, a confiança na reciprocidade do outro; a acolhida do silêncio que envolve o acontecimento, do qual até as coisas mais simples parecem

7. O conceito de *tele*, ou inter-relação tética, é definido por Moreno (1975) como uma percepção interna mútua entre dois indivíduos.

tornar-se cúmplices, o afastamento efetivo do ruído, das interferências que distorcem; na experiência radical de convivência revelasse a ausência de limitação da verdadeira essência humana (1988, p.54).

Sendo assim, a crença de um papel social que me caracteriza socialmente superior ao outro anula a possibilidade de uma compreensão do papel do outro e se transforma em resistência que anula a possibilidade do encontro. Podemos dizer que causamos danos a nós e ao outro quando não conseguimos instaurar a possibilidade da diferença e compreensão da reciprocidade; aterrorizamos com vicissitude do diferente e, assim, massacrados o outro para não nos percebermos nele ou nele encontrarmos a fortuna da semelhança.

Para o sociodrama, nestes momentos, quando vamos tratar com crenças tão arraigadas, é importante a presença do protagonista e de antagonistas. Não estamos aqui para disseminar uma ideia maniqueísta de heróis e vilões, mas estes personagens são necessários para germinar e afervorar dúvidas, incertezas, inquietações e perplexidades e serem porta-voz de outros focos éticos, bem como promover a tolerância e consciência crítica.

Na teoria e prática sociodramática, um elemento possui um papel fundamental na vida dos alunos, são os denominados átomos sociais⁸. Além de Moreno, Gonçalves (1998, p.63) também elucida o uso do termo:

O átomo social é a configuração social das relações interpessoais que se desenvolvem a partir do nascimento. Em sua origem, compreende mãe e filho. Com o correr do tempo vai aumentando em amplitude com todas as pessoas que entram no círculo da criança e que lhe são agradáveis ou desagradáveis e para as quais, reciprocamente, ela é agradável ou desagradável. Uma vez que a imagem que o indivíduo tem de si mesmo, suas crenças e convicções podem mudar, é preciso levar em conta que a transformação da autoimagem, das relações que cada um tem consigo mesmo, podem alterar o átomo social e vice-versa.

A rede sociométrica do universo escolar de nossos atores sociais se revela permeada por um vínculo de natureza simbólica próprio do cotidiano escolar. Este vínculo, como até então pudemos observar, favorece relações de controle, dominação e poder que se revelavam em forma de violência.

Neste momento pensamos ser oportuno trazer um dos, entre tantos, pontos de ligação que unem os autores que constroem esta bibliografia. Para Moreno todos nós, todo e qualquer indivíduo, possuímos algum tipo de barreira, seja social, intelectual ou psíquica, porém nos dispomos ao enfrentamento, a lutar, sendo que a figura do oprimido só se compõe devido à figura do opressor, desta forma, toda sorte de opressão advinda deste sujeito é o motriz para o sociodrama, que se empenha veementemente a buscar alternativas ou tentativas para solucionar os despropósitos de tais opressões. Para reafirmarmos o diálogo trazemos aqui o olhar de Freire:

A violência dos opressores, que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanística e histórica dos oprimidos-

8. O átomo social é definido por Moreno (1992) como a menor unidade funcional dentro do grupo social. Sua gênese se dá através de padrões de atração, repulsão e indiferença e seu núcleo é o próprio indivíduo. A rede sociométrica pode ser definida como uma série de interações complexas que unem entre si os vários integrantes de um grupo, é composta por vários átomos sociais, nem sempre evidentes, bem como por elementos tanto afetivos quanto cognitivos, que irão interferir na construção grupal e nos relacionamentos impostos por seus integrantes.

libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. (FREIRE, 1983, p.30)

Toda teoria moreniana, base desta pesquisa, é fundamentada sobre a importância de se desvendarem as imbricadas tramas das relações humanas: a violência e o poder são algumas delas.

É necessário que nossos alunos saibam dizer as suas próprias palavras, que se desembarquem de mecanismos de reproduções sociais e se coloquem a partir de uma consciência crítica, que se distanciem de consciências ingênuas e tomem para si as próprias histórias.

Pensamos que é necessário um processo de ressignificação do papel dos alunos da rede pública de ensino. Refletimos que a inserção destes alunos na sociedade atual está encoberta por um conjunto de fatores de natureza histórica, econômica, social e política que criam e recriam novas necessidades e expectativas e precisam ser redimensionadas pela educação nacional, pois esta, ainda, não possibilita que se distanciem de estigmas violentos e permite que estes sejam elementos importantes no processo de subjetivação da realidade dos alunos, que ainda são minorias em políticas públicas e estão enleados por mecanismos opressores. E, assim, a escola como poderosa agente nesse processo, em que se pode notar cotidianamente manifestações excludentes por meio de obstáculos, os quais o aluno para seguir em frente tem de superar.

Refletimos que a escola, mesmo sendo considerada como possibilitadora de oportunidades para uma vida melhor, pode também ser um local de exclusão social, pois pode acontecer de indivíduos serem discriminados, marginalizados e estigmatizados, o que compromete o pleno exercício de sua cidadania e, em consequência, o acesso ao estudo, profissionalização, cultura e outros bens e serviços que devem ser acessíveis a qualquer cidadão.

O processo da violência contra a dignidade, a liberdade e a autonomia no ambiente escolar e as perspectivas fora dele só podem ser estabelecidos se a primeira for vista como força dotada de diversas facetas nas esferas intraescolares: psicológicas, físicas, sociais e políticas.

A percepção da violência sob o signo sociodramático pode ser pensada em todas as suas implicações que ferem e desprezam a ação ética, quando se compreende que toda manifestação de agressão e cerceamento a dignidade humana são atos violentos. Sendo assim, compreendo que isso se apresenta na medida em que se a entende como a privação imposta ao outro e se expressa desde os condicionantes psíquicos e materiais.

A rede sociométrica e a matriz de identidade de cada participante favorece o resgate da história individual, ao mesmo tempo em que tece uma rede vincular cultural perante as identificações processadas entre os membros do grupo que nos faz compreender que a resistência destes atores em face dos processos manentes de violências estão implicadas com a história individual, por vezes ligada a átomos sociais, a família e um esplandecer de esperança.

No palco sociodramático há a expressão da força da realidade e do imaginário. Nele temos e lidamos com o problema social da violência intraescolar e das ideologias compartilhadas pelos sujeitos que vivem dramas tanto pessoais como coletivos.

O sociodrama aqui empregado enfatiza a conscientização dos papéis sociais aprendidos pelos sujeitos. Buscamos, desse modo, um processo de rematização da opressão vivida. Em primeiro lugar, possibilitando a fala sobre tais ações e, depois, a troca de posições dos agentes sociais e o compartilhar da experiência vivida, buscando assim a possibilidade do desabrochar de experiências libertadoras.

Várias técnicas de trabalho são propostas, nas quais buscamos compreender a percepção do eu no aqui e agora. Como este sujeito se manifestava perante a violência sofrida e o que seria para ele a compreensão de identidade, a percepção do tu, ou como seria visto o outro, e o entendimento do nós, como possibilidade de um relacionamento entre aquele que oprime e aquele que se sente oprimido a partir da circularização dos vínculos.

A narrativa dramatizada, a partir das técnicas sociodramáticas, psicodramáticas e do teatro espontâneo, podem ser definidas como um método profundo de ação para a abordagem da relação intergrupala e de ideologia coletiva. Quando podemos pensar que o verdadeiro sujeito é o grupo e que a grande questão é como trabalhar arranjos culturais por meio de métodos dramáticos, apegamo-nos à ideia de que todo ser humano é um jogador de papéis. Sendo assim é que cada

ator social poderá intervir no processo grupal a partir da vivência e compreensão dos papéis sociais.

A narrativa dramatizada possibilita a reciprocidade e mutualidade, um halo que une as individualidades, pois tem a função de reconstruir e restaurar a realidade vivida tanto no campo individual, como no grupal, colocando em ação os papéis sociais implicados.

Ao trazer a ideia de que os papéis precedem o Eu, “o desempenho de papéis é anterior ao surgimento do eu. Os papéis não emergem do eu; é o eu quem, todavia, emerge dos papéis” (MORENO, 1975, p.25). Esta é uma visão de cientistas que prezam pelo valor da sociometria. Desta maneira, afirma Moreno, “o Eu se forma a partir dos exercícios dos papéis” (1975, p.40).

Para o autor, o conceito de “papel” tem sua inspiração no teatro a partir da concepção de que o homem é um ser fundamentalmente social e que esta sociabilidade se desdobra para todas as dimensões da vida, o que nos faz sermos seres capazes de nos inter-relacionarmos, sendo que estas interações só são possíveis por intermédio dos papéis sociais que desempenhamos que podem ser narrados e sobre os quais podemos refletir. Para Moreno que “o papel é a forma de funcionamento que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidas” (1975, p.27).

Tal concepção entende que o existir humano é um viver em coletividade. É por meio deste conceito que o ser humano edifica sua vida.

Entre os conceitos do sociodrama e do psicodrama, cremos ser importante e significativo abordar o conceito de Matriz de Identidade, pois nos leva a um melhor entendimento sobre as atitudes e ações manifestas entre estes protagonistas. Também nos leva a pensar sobre o poder da narrativa familiar e/ou dos outros grupos aos quais as crianças pertencem, quando, no âmbito social, a violenta opressão é praticada sem pudor ou constrangimento.

Para Moreno, a matriz de identidade pode ser figurada como “a placenta social”. A sua função é a de transmitir a herança cultural do grupo a que pertence o indivíduo e da preparação para sua posterior incorporação na sociedade. A matriz de identidade pode ser considerada o lócus onde o indivíduo está inserido desde o seu nascimento, interagindo e mantendo relações com as pessoas e tudo o que o cerca até à vida adulta. Como sugere a narrativa a seguir:

Meu pai sempre disse que não sirvo para nada, não presto para nada, mas eu penso que eu vou encontrar alguma coisa que vai fazer eu prestar. Eu acho que eu sirvo para alguma coisa sim, eu só não sei para quê! Eu queria ser bom em alguma coisa, os meninos dizem que eu sou bom para arrumar coisas, tudo que quebra eu conserto! (Depoimento de um participante do encontro).

A tomada de decisão para um olhar com o outro se fez possível pela inter-relação com o grupo, pela troca de papel, pela escuta, pelas narrativas, pelas dramatizações, do compartilhar, do processar as relações. Enfim, pela possibilidade de *estar* com o outro.

O sociodrama possibilita a concepção social de uma vida mais harmônica entre indivíduos e grupos. Os atores sociais que formam a rede sociométrica da escola podem, pela dramatização de narrativas, ter a oportunidade de interiorizar e exteriorizar imagens e sensações que estabelecem comportamentos regidos por uma conserva cultural e que, antes, a vida, ainda, não lhes havia mostrado. Têm a possibilidade de reencontrar e reorganizar os elementos dispersos e de ganharem novos sentidos e consciências críticas e transformadoras e, assim, ressignificar e restaurar comportamentos em face de atitudes opressoras estes, por sua vez, distanciar-se-ão dos papéis cristalizados muitas vezes, de maus alunos, indisciplinados, briguentos, dispersos, desinteressados e de má índole, estigma que os levam a reprimendas sociológicas, pedagógicas e a males psíquicos e sociais.

Para ainda não findar trilhos, mas rematando palavras

Podemos dizer que o sociodrama ajuda a desvelar os mitos que enganam grande parte da população; e isso já é, em si, uma postura política de cunho dialógico, emancipador e libertador, como também de desconstrução da estrutura dominante de opressão, classificação e exclusão social. Pensamos que este pode vir a ser um poderoso método de pesquisa para as Ciências da

Educação, pois este não só nos apresenta dados como possibilita transformações profundas a partir de sua ação. Com base nos pressupostos ideológicos de uma educação libertadora e no arsenal do sociodrama, compreendemos que o resultado do processo de conscientização pode vir a ser uma porta para a libertação destes jovens, pois na medida em que estes questionam, refletem e atuam criticamente sobre a sociedade, seja no campo da ficção ou real, podem vir a não somente transformá-la, mas estarão também transformando-se, libertando-se. Concordamos com Freire ao afirmar que “quanto mais refletir sobre a realidade, sobre sua situação concreta, mais emerge, plenamente consciente, comprometido, pronto a intervir na realidade para mudá-la” (FREIRE, 1996, p.19).

Pensamos que o sociodrama pode vir a fazer com que o jovem aluno torne-se libertado em um processo permanente de revisão do seu quê-fazer-humano, na sua atitude de inquietação, indignação, mas também de esperança perante o mundo.

Chegamos ao fim deste trabalho tentando uma educação libertadora para nossos jovens alunos, mas cremos que essa liberdade necessita também da intrepidez de seus educadores, Paulo Freire expressa que a escola deve ser um lugar de laboro, de diálogo, de aprendizagem. Um lugar em que a convivência permita estar continuamente se superando, porque a escola é o espaço privilegiado para pensar. Ele que sempre acreditou na capacidade criadora dos homens e mulheres, e pensando assim é que apresenta este território como instância da sociedade. O autor reconhece a presença do oprimido e do opressor, ao que convida-nos a essa emancipação, inicialmente pela libertação do opressor que reside em cada um. Crê-se que nossos jovens possam vir a sonhar mais por meio das vivências sociodramáticas que seus corpos historiadores que são, possam imprimir narrativas sensíveis de prazer e alegria, para que a vida seja forte porém, emancipadora em suas imagens e sensações. Podemos dizer que o pensamento, as denúncias, reflexões, razões freirianas são primorosas e vitais para as práticas humanizadoras e libertadoras na educação. Acentuamos em dizer que quando se propõe um trabalho de narrativa sensível que garanta o desenvolvimento constituinte vivente de um ser, respeitando e acompanhando seu desvelamento pleno, é preciso embeber-se, molhar-se, no mínimo, por alguns dos muitos princípios, meditações e reflexões de Freire. Confirmamos que encontramos alguns saberes que têm promessa íntima com as experiências sensíveis: o viver do inacabamento, ter gosto por escutar, a libertação para o diálogo, a redenção para a humanização, a amorosidade, entre tantos outros. Estes entendimentos estão vivos nas experiências compartilhadas, que se tornam conteúdos éticos, estéticos, pedagógicos e inevitáveis a serem desenvolvidos no cotidiano escolar. A dialogicidade e a problematização dos conteúdos escolares e sua relação com o mundo fazem parte de uma educação humanista e as narrativas podem de maneira fecunda, marcante, brilhantemente iluminada trazer a autonomia de seres libertadoramente mais felizes dentro e fora da escola, por se sentirem historiadores de suas vidas.

Referências

AGUIAR, Moysés. **O teatro terapêutico, escritos psicodramático**. Campinas: Papirus, 1990.

BUBER, Martin. **Eu e tu**. São Paulo: Cortez&Morales, 1979.

BUSTOS, Dalmiro M. **O psicodrama: aplicações da técnica psicodramática**. 3. ed. São Paulo: Ágora, 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 40. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. e FAUNDEZ, A. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GONÇALVES, Camila Salles. **Lições de psicodrama**. São Paulo: Ágora, 1988.

MORENO, Jacob Levy. **Psicodrama**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1993a.

_____. **Psicoterapia de grupo e psicodrama**. Campinas: Psy, 1993b.

_____. **Quem sobreviverá?** Fundamentos da sociometria, psioterapia de grupo e sociodrama. Goiânia: Dimensão, 1994. 3 v.

NAFFAH, Alfredo. **Descolonizando o imaginário**. São Paulo: Plexus, 1989.

Recebido em 10 de janeiro de 2018.

Aceito em 15 de fevereiro de 2018.